

PsittaScene Vol. 22 N. 4 Novembro de 2010

Tradução por André Becker Saidenberg

Sumário

- 2 Mensagem do escritório: Steve Milpacher
- 3 Um trabalho visto por dentro – Biologia reprodutiva das Araras-de-Lear
- 7 FlyFree:
Comércio de aves selvagens
- Resgate de Papagaios-do-Congo na República Democrática do Congo
- Ações ao redor do mundo
- 12 O Kakapo e eu – Um documentário sobre as filmagens
- 15 Os ossos dos psitacídeos falam – Antiga Criação de Araras

- 18 PsittaNews & Eventos
- 19 Contatos do WPT
- 20 Psitacídeos na natureza: Arara-de-Lear

Cada novo dia nos faz lembrar constantemente sobre o mundo desordenado em que vivemos. A cobertura da mídia satura nossa consciência e deixa muitos de nós sentindo oprimidos e incapazes de agir. Ainda assim, de alguma maneira, ao praticar atos diários de bondade em nossas vidas, podemos realmente ter um impacto em nosso mundo.

A resposta esmagadora aos eventos recentes na República Democrática do Congo (RDC) nas últimas 6 semanas me faz lembrar o quão poderosos esses atos podem ser (veja a estória completa na página 8). Iniciando-se quando um consciente oficial do governo resolveu agir para impedir o envio ilegal de 523 papagaios capturados na natureza destinados aos mercados em Singapura. Seu ato de compaixão começou uma efusão de apoio dos quais todos podemos ficar orgulhosos.

Dúzias de pessoas encontraram tempo nas suas vidas já bastante conturbadas para se concentrar no bem-estar destas aves: dos cansados tratadores no Santuário de Primatas de Lwiro que agora tem centenas de novas bocas para alimentar, ao time de veterinários especialistas em aves que viajaram para a região destruída pela guerra para ajudar. Some a isso centenas de sócios do WPT que responderam a nosso urgente chamado por doações juntamente com os recursos emergenciais disponibilizados pelo Fundo para Conservação do Natural Encounters, Zoológico de Columbus, a ao Fundo Emergencial para Vida Selvagem da Disney.

Essa é uma grande apreensão localizada no coração do comércio, salvando centenas de aves altamente inteligentes de um destino cruel e evitável. Assim como dando a muitas centenas de aves a sua liberdade, isso também fortalece os parceiros locais e governos para fazer mais para proteger a vida selvagem. Esse esforço inspirador personifica o espírito pelo qual nossa campanha Fly Free foi inaugurada.

Para todos vocês lhe oferecemos nossos mais sinceros agradecimento em nome dos psitacídeos. Seus atos de bondade, do ordinário ao extraordinário, fazem a diferença e proporcionam uma fundação na qual a esperança por um futuro positivo pelos psitacídeos pode ser construído.

Com os melhores cumprimentos,

Steve Milpacher
Diretor de Desenvolvimento de Negócios

Citação: “A bondade é a linguagem na qual os surdos podem ouvir e os cegos podem ver.” - Mark Twain

Capas

FRENTE A familiaridade com esse deslumbrante casal de Araras-de-Lear (*Anodorhynchus leari*) contradiz com seu mistério. Até recentemente, os pesquisadores nunca haviam estudado sua biologia reprodutiva dentro dos ninhos. Agora, um novo mundo escuro e cavernoso se abriu através dos olhos de uma jovem estudante de Mestrado que nos traz a estória vista por dentro.

VERSO Embora este momento pareça sinistro, tudo está bem. Esse roliço e saudável filhote de Arara-de-Lear está simplesmente reagindo ao pesquisador entrando na câmara do ninho ao se fingir de morto. Não sendo para os fracos de coração, essa pesquisa requer que primeiro se desça um enorme rochedo de arenito antes de entrar nos túneis escuros com diversos morcegos, aranhas e escorpiões. © Erica Pacífico de Assis

Um trabalho visto por dentro

Biologia reprodutiva da Arara-de-Lear

Entrevista com Erica Pacífico de Assis.

Nós soubemos sobre o trabalho da Erica Pacífico de Assis através do seu orientador na Universidade de São Paulo, Prof. Dr. Luís Fábio Silveira, e ficamos animados em saber que após tantos anos alguém estava finalmente trabalhando dentro dos ninhos da Arara-de-Lear (*Anodorhynchus leari*).

Não somente eles estavam bastante adiantados em reunir informações biológicas desesperadamente necessárias destes casais nidificando, mas também estavam desenvolvendo técnicas criativas para trabalhar nesses ninhos em rochedos e salvando filhotes de perdas inevitáveis. Estamos encantados em trazer até você essa estória sobre a pesquisa da Srta Pacífico e também temos o prazer em anunciar que estaremos apoiando a sua pesquisa sobre a biologia reprodutiva em 2011. WPT.

Como você começou a trabalhar com psitacídeos?

Meu primeiro contato com psitacídeos foi no Zoológico de São Paulo, onde aprendi com a bióloga Fernanda Vaz, como criar filhotes. Tive a oportunidade de ajudar com a reprodução desde Tiribas (*Pyrrhura*) a Araras-azuis (*Anodorhynchus hyacinthinus*).

Meu interesse em trabalhar com psitacídeos se aprofundou quando comecei a seguir os esforços para procriar espécies ameaçadas como as Araras-de-Lear e Ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii*) em cativeiro.

Enquanto pesquisava sobre a história natural das Lears eu percebi quão pouca informação científica existia sobre a distribuição natural da espécie. Considerando as dificuldades em se reproduzir a

Arara-de-Lear em cativeiro, eu me surpreendi em descobrir que a informação básica também estava faltando sobre sua biologia reprodutiva na natureza.

Com o auxílio do Prof. Dr. Luís Fábio Silveira, do Laboratório de Ornitologia e Conservação da Universidade de São Paulo, eu fiz um estágio no Projeto Arara-azul e a Dra. Neiva Guedes, me ensinou técnicas adicionais para coletar informação a campo e como manejar os filhotes e ninhos (tanto naturais ou artificiais).

Deste momento em diante eu senti que pesquisar a biologia reprodutiva da Arara-de-Lear deveria ser tanto uma prioridade quanto uma realidade!

Quando você começou a trabalhar nos ninhos das Lears e quais são os objetivos de sua pesquisa?

A idéia de trabalhar a campo com as Lears veio de uma parceria entre o Laboratório de Ornitologia e Conservação onde comecei meu Mestrado e a Fundação Biodiversitas, uma ONG de Minas Gerais que administra a Estação Biológica de Canudos, onde a segunda maior dormitório e área de reprodução está localizada.

Meu projeto se concentra na biologia reprodutiva da Arara-de-Lear e inclui: detalhes sobre a postura; número de ovos férteis e sucesso de eclosão de cada postura; desenvolvimento neonatal; índices de predação e potenciais predadores de filhotes; índices de mortalidade e sobrevivência; comportamentos relacionados à incubação, cuidados neonatais, proteção de ninhos e critérios de seleção de ninhos.

Nós obtivemos patrocínio da Fundação Boticário para Proteção da Natureza e começamos estudar as Lears na Estação Biológica de Canudos em Janeiro de 2008.

Como foi subir até o ninho das Lears em sua primeira viagem?

Enquanto pesquisávamos pela primeira vez a área eu percebi como seria complexo o trabalho e imediatamente senti que a parte mais difícil seria localizar os ninhos ao invés de ter acesso a eles.

As araras tentavam nos enganar, e era incrível ver como elas protegiam as cavidades que não eram ninhos verdadeiros. Para determinar qual era o ninho verdadeiro gastamos horas esperando as aves chegarem e deixarem e anotamos o seu comportamento para estabelecer quanto tempo os casais gastavam dentro das cavidades. Na minha primeira viagem a campo, localizamos 27 ninhos e estimamos a acessibilidade para dez.

E então um novo dilema: como conseguir que o equipamento de escalada se fixasse nos paredões de arenito? As âncoras convencionais não funcionariam, e então fizemos nossa primeira e arriscada tentativa, utilizando barras de ferro (sobras de locais de construção).

Durante a primeira expedição nós acessamos dois ninhos. Um continha ovos férteis e outro continha três jovens filhotes por volta de 30 dias de idade. Em outro nos perdemos dentro das galerias que se formam dentro dos paredões de arenito e fomos incapazes de localizar o ninho.

Os escaladores nessa viagem eram Dorivaldo e Eurivaldo Macedo Alves (guarda parques da Estação Biológica de Canudos) que rapidamente aprenderam as técnicas de rapel. Eles me ensinaram como superar as dificuldades encontradas nos 80m de paredões encontrados no meio da caatinga.

Eu fiquei abaixo do ninho, me dependurando no paredão com os guias Nogueira e José Cardoso, moradores locais que pacientemente me ajudaram a manejar os filhotes, coletar material biológico e tirar fotografias. Nas viagens seguintes nós melhoramos os métodos de captura e treinamos uma equipe de assistente de campo para manejar os filhotes, coletar sangue, anilhar e microchipar. Depois de treinar bastante eu me senti segura para fazer minha primeira descida.

Como são as cavidades dos ninhos?

Você geralmente consegue entrar na câmara de postura?

Nós pesquisamos 10 cavidades utilizadas pelas araras e juntamos informações que nunca haviam sido relatadas. Metade das cavidades formam um único e estreito túnel. Todas as outras galerias variam em tamanho sem um padrão reconhecível.

As cavidades tinham de 2 a 18m de profundidade com a câmara de postura localizada em qualquer local por entre essa extensão. Os pesquisadores devem geralmente adentrar completamente na câmara de modo a ter acesso aos ovos e filhotes, e devem ser suficientemente esguios para conseguir isso!

Os ninhos são completamente escuros e muito úmidos. Outros animais compartilham as cavidades juntamente com os filhotes de araras. Nós encontramos aranhas, escorpiões, besouros, pequenos roedores e muitos morcegos frugívoros. Localizamos os filhotes dentro da câmara com ajuda de uma lanterna. É difícil evitar os morcegos e ainda mais difícil escapar de suas fezes que tem um forte odor que se impregna em suas roupas!

Quando os filhotes são pequenos, eles “fingem de mortos”, virando seus ventres e patas para cima quando percebem um movimento dentro da câmara. Quando abrem os olhos, eles silenciosamente se escondem na parte mais profunda da cavidade, fazendo com que a coleta de informações sejam mais difícil.

As Lears roem as rochas ou empregam outro tipo de substrato em seus ninhos?

Eles escolhem cavidades naturalmente côncavas e fazem postura sobre a areia. Eu observei marcas ao redor do ninho indicando que as araras estão roendo o substrato em certo grau. No entanto, havia dois ninhos onde os ovos foram colocados sobre uma rocha de superfície lisa, o que não afetou a eclosão ou o sucesso neonatal.

Você já observou casos de doenças, predação, ou falta de alimento para os filhotes?

Em dois anos de pesquisas documentamos seis filhotes que morreram de causas naturais. As causas de óbito incluíram quedas de um ninho durante o último estágio de desenvolvimento, suspeita de predação (não confirmada) e ausência de cuidados parentais. A última foi relatada nos primeiros 10 dias de idade em dois ninhos contendo 3 filhotes cada onde a eclosão assincrônica levou a alguns filhotes a serem consideravelmente mais jovens e fracos do que os outros.

Você faz melhorias nos ninhos ou ajuda as aves de alguma outra forma?

Quando dois filhotes caíram de um ninho, foi proposto que essa entrada fosse consertada, para evitar outros acidentes na próxima estação reprodutiva. Portanto, a entrada foi reconstruída com a

mesma rocha de arenito misturada com concreto e mais tarde recoberta com areia, substituindo a parte escorregadia da entrada do ninho.

A grande pergunta era se as araras iriam voltar para utilizar o ninho depois da pequena reforma. Mas no ano seguinte lá estavam, protegendo a cavidade e cuidando de outros dois filhotes. Em outro ninho nós descobrimos um buraco de 55cm de profundidade entre a entrada e a câmara de postura e fechamos o buraco com rochas de arenito. Em outra situação interessante, um casal fez postura de ovos sobre uma seção côncava da cavidade formada pelo gotejar de água. Ambos filhotes estavam completamente encharcados e tinham uma onfalite bastante extensiva. Nesse caso decidimos não intervir. Ambos filhotes se desenvolveram muito bem e saíram para o primeiro vôo com sucesso.

O mesmo casal utiliza a mesma cavidade a cada ano ou eles trocam os locais de nidificação?

Parece que eles utilizam as mesmas cavidades a cada ano, mas ainda não fomos capazes de responder essa questão. Enquanto que nossa pesquisa se concentra em coletar amostras biológicas, nossos resultados podem ser aplicados a outras questões como essas relacionadas à genética dessa espécie.

Nosso foco principal é obter amostras de sangue de todos os filhotes de modo a testar o parentesco dos irmãos da mesma postura de maneira a confirmar a monogamia do casal. Com nossas amostras seremos capazes de verificar o parentesco entre filhotes da mesma postura nas estações reprodutivas subsequentes. Portanto vai ser possível testar a hipótese se as cavidades estão ou não sendo reutilizadas pelo mesmo casal.

Quantas das cavidades que parecem estar ocupadas estão realmente sendo utilizadas?

Até o momento, 30 cavidades foram observadas onde um casal demonstrava comportamento que indicava interesse por nidificar. Destas cavidades, 13 foram selecionadas para serem exploradas. Em todos os 13 ninhos acessados, a postura foi documentada, freqüentemente consistindo de três ovos.

Os ninhos foram selecionados para serem entrados baseando-se em muitas horas de observação. A informação comportamental foi compilada de maneira a analisar a freqüência e duração na cavidade por cada casal. Determinamos que uma duração mínimo de 30 minutos dentro da cavidade indicou que a cavidade estava sendo usada para propósitos reprodutivos e não apenas sendo explorada.

Dois dos ninhos que foram adentrados não progrediram até a eclosão. Ainda assim, a presença de ovos indica que 100% das cavidades selecionadas para serem exploradas foram ocupadas com intenções reprodutivas.

Você já observou problemas com Abelhas africanizadas, bernes ou outros insetos?

Existem cavidades que não pudemos nos aproximar devido ao grande número de Abelhas africanizadas. Além disso, eu pude observar que a presença de abelhas interfere com a ocupação de ninhos pelas araras. Um ninho, onde o sucesso reprodutivo datava dos anos 80, não havia sido utilizado desde 2006 devido a possuir abelhas 5m dentro da cavidade. Em 2009 removemos as abelhas e desde então as araras resgataram a cavidade e criaram com sucesso três filhotes.

Qual foi a sua melhor experiência até agora trabalhando com as Lears na natureza?

A melhor experiência que tive foi ver que a presença de um pesquisador não afeta negativamente o sucesso reprodutivo das araras. Meu momento mais emocionante foi compartilhar o paredão do rochedo com uma arara adulta (abaixo) que insistia em cuidar do filhote mesmo na presença de um possível predador (eu!).

Diversas vezes eu observei um adulto permanecer dentro do ninho mesmo quando um pesquisador adentrava. É incrível testemunhar esse laço tão forte entre adultos e seus filhotes.

Fotos:

Erica é uma estudante de Mestrado pesquisando sobre a biologia reprodutiva da Arara-de-Lear, uma rara arara com uma pequena área de distribuição no Nordeste do Brasil.

Pouco se conhece sobre a biologia reprodutiva da criticamente ameaçada Arara-de-Lear parte devido a seu habitat acidentado e ninhos inacessíveis. Consideravelmente menores do que as Araras-azuis, as Lear possuem mais amarelo na pele da base da mandíbula inferior.

Horas de observações das Araras-de-Lear adultas ajudam os pesquisadores a localizar possíveis ninhos e determinar quais cavidades devem explorar com mais cuidado. Depois disso uma equipe desce de rapel a borda do paredão de arenito de 80m e começa a mapear sistematicamente os túneis. O caminho é apertado e eles nunca sabem o que vêm pela frente.

Quando um casal cria três filhotes, o mais jovem freqüentemente é muito menor e mais fraco do que seus irmãos mais velhos. A alimentação suplementar não foi oferecida aos filhotes, mas estes são pesados, medidos, anilhados e microchipados, e sangue é tirado para testes de genética.

Assim como outros psitacídeos, as Lears demonstram ter laços fortes com seus filhotes e algumas vezes permanecem muito perto quando os pesquisadores estão no local.

FlyFree

Um ano atrás, o World Parrot Trust estabeleceu o FlyFree, uma iniciativa internacional para criar conscientização e apoio para nosso trabalho de dez anos em acabar com o comércio de aves capturadas na natureza.

Por quê?

No passar de diversas décadas o comércio de aves capturadas na natureza causou sofrimento e perda de milhares de aves. As coletas legais e ilegais para o comércio internacional de aves de estimação são destrutivas para as populações selvagens; poucas aves sobrevivem desde a captura até os locais de venda.

Aquelas que sobrevivem podem transmitir doenças nos países importadores. Graças ao trabalho encabeçado pelo WPT na União Européia, grande parte do comércio internacional agora deixou de existir, mas países da Ásia e no Oriente Médio ainda importam ativamente aves selvagens. E nas suas áreas de ocorrência, os psitacídeos ainda são capturados para atender às demandas locais.

Como?

O FlyFree apoia os esforços na linha de frente de organizações parceiras ao redor do mundo – todos comprometidos em acabar com o comércio de aves selvagens. O WPT proporciona apoio logístico e operacional para esses grupos e seus esforços para fazer valerem as leis de vida selvagem para proteção das aves.

Muitos dos nossos projetos mais recompensadores nesse ano foram solturas de aves confiscadas. Essas solturas são encorajadores em muitos sentidos – em parte porque a alegria completa de ver as aves através do processo de reabilitação até o ponto de estarem voando livres, mas também devido ao efeito disseminador deste trabalho. As solturas também liberam espaço para que as autoridades coloquem novas aves confiscadas dos traficantes. Elas mandam uma mensagem positiva aos políticos e ao público geral em valorizar a vida selvagem na natureza ao invés de vê-las em gaiolas.

Elas dão às pessoas, incluindo políticos, líderes de comunidades e crianças, uma oportunidade de participar de uma atividade positiva de conservação e bem-estar animal. As solturas nos permitem repovoar áreas onde os psitacídeos foram levados à extinção local. Elas nos ensinam muito sobre como libertar com sucesso psitacídeos, o que auxilia nosso trabalho com espécies ameaçadas. As solturas também proporcionam um resultado claro e extremamente positivo no bem-estar dos indivíduos que são soltos, e por fim previnem que muitos outros sejam retirados da natureza.

Foto: Periquitos-de-frente-laranja (*Aratinga canicularis*), confiscadas de traficantes ainda filhotes, extasiavam os observadores na soltura em Mazatlán, México.

FlyFree

Em 18 de Setembro, 523 Papagaios-do-Congo (*Psittacus erithacus*) eram destinados à Singapura com documentação da CITES falsificada quando foram confiscados por autoridades no aeroporto de Kavumu na República Democrática do Congo (RDC) na África Central.

Duas horas mais tarde as aves chegaram no Santuário de Primatas de Lwiro em terríveis condições. Lwiro é um centro de resgate que abriga mais de 100 chimpanzés e macacos órfãos, sem ter recintos existentes para as aves. A chegada dos papagaios foi um esforço severo para a equipe e voluntários, necessitando de um chamado urgente de ajuda. “Nós não tivemos muito tempo para nos prepararmos”, disse Carmen Vidal, diretora do Santuário de Lwiro. “Nos disseram que os papagaios estavam vindo e então chegaram logo depois”.

A apreensão veio muito tarde para vinte e nove aves que estavam mortas na chegada ou morreram pouco depois. Alguns das 500 aves remanescente foram encontradas amarradas umas a outra por uma das asas. Eles também não receberam alimento ou água por um período desconhecido de tempo. A situação requeria estabilização imediata.

Em resposta a isso, o World Parrot Trust imediatamente divulgou o chamado de ajuda e recebeu um nível de apoio fora do comum que foi enviado imediatamente para ajudar as aves e aqueles que as cuidavam. Esse tipo de ajuda é precisamente a razão pela qual o programa FlyFree foi iniciado um ano atrás. Também é um exemplo perfeito do que o FlyFree é: ação rápida e significativa onde é mais necessária para conseguir que as aves voltem para a natureza.

Uma visão geral da campanha dos 500 Papagaios-do-Congo:

- Mais de 220 sócios do WPT ao redor do mundo responderam a nosso chamado urgente.]
- O Zoológico de Columbus, Fundo para Conservação do Natural Encounters, e Fundo Emergencial para Vida Selvagem da Disney fizeram grandes doações (leia página 19).
- Dentro de dias, o WPT mandou recursos para os custos imediatos de comida e acomodação.
- Conselhos médicos e nutricionais e planos para construção de recintos foram proporcionados.
- Fundos adicionais foram enviados para a construção de 8 grandes recintos de vôo.
- Três médicos veterinários viajaram a Lwiro para fornecer assistência médica especializada.

O Dr. Davide De Guz, e Dr. Gino Conzo (ambos da Itália) e Dr. Noel Arienteireho (do Centro para Educação de Vida Selvagem de Uganda) chegaram a Lwiro em 21 de Outubro. Eles trouxeram com eles uma máquina de anestesia extremamente necessária (com a ajuda do Dr. Collarile) e 4kg de suplementos e medicamentos doadas a Lwiro pelo GEAVET.

Os veterinários estão trabalhando sob condições difíceis devido à contínua inquietação política nessa área. A natureza das condições e a seriedade do trabalho a ser feito realmente acentuam a dedicação daqueles trabalhando para ajudar essas aves a reaverem sua liberdade. O próprio Lwiro é bastante remoto e opera somente com as necessidades básicas. Os serviços básicos podem ser difíceis de encontrar depois de muitos anos de guerra da RDC. Localizar suprimentos tais como um tanque de oxigênio pode ser bastante desafiador.

O exame inicial revelou que a maior parte dos Papagaios-do-Congo estavam sofrendo de verminoses, principalmente por tênias. A infestação era muito séria e foi a causa dos óbitos iniciais. As aves remanescentes foram tratadas individualmente com grande sucesso, necessitando uma segunda dose após 15 dias.

Agora, um mês após sua chegada, 450 aves sobreviveram. A maior parte está comendo bem, estão anilhados e prontos para soltura. Diversas aves estão doentes e estão sendo tratadas e monitoradas em gaiolas separadas. Um terceiro grupo tem penas danificadas, mas estão saudáveis e serão soltas quando suas penas crescerem novamente.

Essa é a primeira apreensão deste tipo na RDC, mas carregamentos ilegais similares foram confiscados muitas vezes nos últimos anos no oeste da África. Em um período de três anos mais de 2.700 Papagaios-do-Congo foram confiscados, reabilitados, e soltos quando possível, nos Camarões; Carregamentos de Papagaios-do-Congo também foram confiscados no Quênia e na Bulgária.

Vale a pena mencionar que estes enormes carregamentos ilegais não estão sendo transportados às escondidas. Eles estão se movimentando de maneira aberta utilizando permissões falsificadas, confirmando que é o tráfico contínuo de vida selvagem que facilita essas trágicas e repetidas situações.

Os números da IUCN dados pela Birdlife indicam que quase um quarto das populações existentes de Papagaios-do-Congo estão sendo capturados a cada ano – fazendo deles uma das espécies de psitacídeos mais fortemente comercializadas no mercado internacional. Somando-se a essa urgência é a crença de que ao utilizar as rotas de comércio estabelecidas, os traficantes de outras espécies,

tais como grandes primatas, podem facilmente mudar para papagaios e vice-versa. Nossa esperança é que essa apreensão na RDC seja esteja um passo a mais em direção ao término do comércio dos Papagaios-do-Congo capturados na natureza de uma vez por todas.

Leia sobre novidades na PsittaScene e no site ww.parrots.org/flyfree

Fotos:

Na sua chegada, 523 Papagaios-do-Congo se amontoavam em 6 pequenos barris e foram soltos na sala de aula de Lwiro. Um recinto interno temporário foi facilmente adaptado para seu uso (acima) enquanto que 8 grandes recintos de vôo seriam construídos.

A preparação de alimentos é feita em grande escala com 10Kg servidos duas vezes ao dia. As aves aproveitam sua dieta de feijões cozidos com arroz, milho, abacaxi, bananas, dendê e coquinhos juntamente com uma variedade de suplementos.

Veterinários da Itália e de Uganda passaram 10 dias em Lwiro ajudando a avaliar e tratar as necessidades médicas individuais de todas 500 aves. Os tratadores de papagaios bastante dedicados foram contratados para proporcionar cuidados diários.

FlyFree

Um ano após sua criação, o FlyFree tem sido um enorme sucesso. Mais de 20.000 visitantes visitaram as páginas informativas do FlyFree, recebendo uma nova compreensão sobre as complexas questões e projetos de sucesso acontecendo. Mais de 300 indivíduos fizeram doações. O objetivo de nosso trabalho continua a se expandir conforme damos as boas-vindas a novas organizações parceiras e expandimos o FlyFree em um comprometimento por vários anos.

Os recursos do FlyFree são utilizados para:

- Ajudar a resgatar, reabilitar e libertar os indivíduos confiscados.
- Realizar outros esforços para confiscar carregamentos ilegais de psitacídeos.
- Encorajar a doação e ação de leis que protejam os psitacídeos.
- Apoiar a consciência global e programas educacionais.
- Desenvolver coalizões de amplo espectro para agir em favor dos psitacídeos.
- Apoiar pesquisas de modo a melhor compreender os aspectos regionais do tráfico

1 Congo

Em adição ao nosso trabalho com o Santuário Lwiro sobre os 500 Congos (página 7) o WPT iniciou pesquisas nas bais (clareiras nas florestas) na República Democrática do Congo de modo a melhor compreender como elas são utilizadas pelos Papagaios-do-Congo e quanto de captura local está ocorrendo.

2 Camarões

O WPT ajudou com a apreensão, reabilitação e eventual soltura de mais de 1500 Papagaios-do-Congo trazidos ao Centro de Vida Selvagem de Limbe em somente poucos meses. Fundos

emergenciais e assistência logística foram imediatamente enviados para proporcionar os cuidados essenciais para as aves. Apoio de longo-prazo ajudou a determinar as aves candidatas à soltura através da reabilitação.

3 Quênia

O WPT co-organizou um workshop entre agências para harmonizar a comunicação e colaboração especialmente em relação aos procedimentos para ajudar os Papagaios-do-Congo apreendidos em trânsito. Nós também proporcionamos apoio para a construção de um aviário para reabilitação para papagaios confiscados.

4 Índia

O WPT apoiou esforços para educação, sensibilização e apreensões de animais selvagens através da Sociedade para Proteção e Cuidados de Animais Visakha. Também proporcionando assistência e apoio financeiro para um resgate de 74 filhotes de Grande-Alexandre (*Psittacula eupatria*).

5 Nepal

O WPT e a Conservação de Aves do Nepal estudou o comércio de aves no país e determinou que um uso crescente de aves como pets, alimento e propósitos religiosos são as principais causas estimulando o comércio de aves selvagens no Nepal. Uma rede regional de trabalho sobre o comércio de aves selvagens foi proposta e apoiada pelo governo.

6 Indonésia

O WPT ajudou com a soltura dos extremamente raros Lóris Arco-íris mitchellii (*Trichoglossus haematodus mitchellii*) na ilha de Nusa Penida. A espécie está reduzida a um punhado de aves remanescentes devido ao tráfico.

7 Argentina & Chile

O WPT patrocinou a impressão de panfletos informativos para crianças de idade escolar que exibem a Ararinha da Patagônia (*Cyanoliseus patagonus*), uma espécie local frequentemente encontrada no tráfico. Nós também estamos patrocinando a proteção de uma colônia da rara subespécie Chilena que vêm estado sob severa pressão de traficantes nos anos recentes.

8 Guatemala

O WPT apoiou a Associação de Conservação e Resgate de Vida Selvagem (ARCAS) a retornar 80 aves (Ara e Aratinga) ao Parque Nacional Rio-Azul Mirador no norte da Guatemala.

9 Brasil

O WPT trabalhou com a Associação Bichos da Mata na soltura de 47 aves (Amazona e Ara) no Pantanal. Nós participamos na sua última soltura de quase 100 Papagaios-verdadeiros (*Amazona aestiva*), fornecemos 12 rádio colares e no monitoramento pós-soltura. O WPT co-organizou um workshop com o IBAMA de São Paulo e a Associação para aqueles envolvidos na reabilitação e soltura de psitacídeos. Nós também proporcionamos ajuda emergencial para a ONG SOS FAUNA para 300 filhotes de papagaios Amazona confiscados de traficantes.

10 México

O WPT forneceu ajuda técnica e anilhas para a Conrehabit em Mazatlán, México (veja foto na página 7) para a reabilitação e soltura de mais de 250 Periquitos de-testa-laranja (*Aratinga canicularis*) confiscadas de traficantes ainda filhotes.

11 Belize

Trabalhando com o Belize Bird Rescue, o WPT proporcionou apoio para a reabilitação e soltura de aves confiscadas. Nós participamos nas solturas e fornecemos anilhas e orientação quando necessária.

12 Honduras

O WPT se reuniu com os oficiais de proteção de vida selvagem em Honduras para discutir sobre o pesado tráfico através da fronteira com a Nicarágua. Perto da cidade de Copán um novo projeto foi iniciado para reabilitar e soltar Araras-piranga (Ara maçã) no Parque da UNESCO de Herança Nacional e Sítio Arqueológico.

O Kakapo e eu

Escrito por Scott Mouat

Crescendo na Escócia eu desenvolvi certas expectativas sobre a vida selvagem local. Eu esperava que a maior parte dos mamíferos vivesse no solo e as aves, sem exceção, esperava que voassem. Sete anos atrás, viajei ao redor do mundo até a Nova Zelândia, onde as minhas expectativas foram literalmente e figurativamente viradas de cabeça para baixo! Aqui, todos os mamíferos nativos voavam, enquanto que muitas das aves nativas não.

As aves nessa parte do mundo tem uma queda por serem diferentes, mas uma se destaca mesmo entre as mais curiosas. O Kakapo (*Strigops habroptilus*) é a única psitacédeo do mundo noturna, que não voa, e que faz exibições reprodutivas. Enquanto que você pode achar que é loucura para uma ave desistir de voar e da luz do sol, você deve lembrar que a Nova Zelândia é uma terra onde o diagrama foi jogado fora e a vida decidiu tentar algo um pouco diferente.

Essa estória começa no final de Fevereiro de 2008 e eu estava apertado dentro de um pequeno esconderijo na parte mais exposta do topo das colinas Whenua Hou. Também conhecida como Ilha Codfish, Whenua Hou fica aproximadamente 20Km ao largo da costa sul do continente. Ela é o lar da única população reprodutiva do Kakapo no mundo e eu estava posicionado exatamente na borda da arena de reprodução de um macho. Ao olho nu a noite sem luar era um vazio negro.

No entanto, minha câmera infravermelha, auxiliada por algumas poucas e cuidadosamente escondidas lâmpadas infravermelha, exibiu uma misteriosa imagem em preto e branco de uma área bem aparada de arbustos. No meio dela, aninhado na base de um pequeno arbusto, estava uma depressão rasa do tamanho de uma fruteira.

“Bill”, o macho principal, era um ser de hábitos. Trinta minutos após escurecer ele emergiu de sua moita e rastejava na “fruteira” com uma surpreendente discrição. A fruteira é basicamente o

banquinho do bar de “Bill” e dali ele canta uma canção que faria os olhos de Tom Jones se encherem de lágrimas. Começa com um gigantesco gole de ar, rapidamente seguido por outro e mais outro, cada gole aumentando sua circunferência até que ele está tão inchado que mal pode se mexer. O que se segue é sem dúvida um dos sons mais estranhos que já experienciei – um estrondo baixo subsônico. A quatro metros de distância eu não ouvia tanto quanto o sentia vibrando dentro de meu estômago. Através do visor da câmera eu podia ver o esforço físico intenso necessário para criar cada vocalização e transportá-lo através da ilha.

Eu estava fazendo um filme chamado “A história não natural do Kakapo”, um documentário longa metragem sobre o Programa de Recuperação do Kakapo. Eu tinha tido a oportunidade de gravar o próximo capítulo dos esforços de conservação, um projeto bastante ambicioso de inseminação artificial. Os habitantes da Nova Zelândia têm um orgulho nacional inegável no seu amado papagaio e nada os impedirá de garantir a sua sobrevivência. Eu desconheço qualquer outra ave que tenha sido tanto espetada, cutucada, sondada, picada e mimada, devo mencionar, em nome da conservação, como o Kakapo.

Mas o que era realmente incrível era que em todos estes anos que as pessoas passaram na companhia destes notáveis psitacédeos, ninguém tenha visto dois Kakapo acasalando. Ainda era um ato da natureza nunca observado e nunca filmado e um cálice sagrado dos cineastas.

E assim eu passei um mês inteiro sentado num esconderijo frio e apertado observando um dos psitacédeos mais raros do mundo fazer o seu ritual noturno bizarro. Juntos nós sentamos ali no escuro, com os dedos cruzados, esperando que essa seria a noite. Mas a 200m de distância estava Ox, o vizinho de Bill, que estava conseguindo todo o sucesso. Eu decidi mudar o esconderijo e filmá-lo.

Todo Kakapo carrega um pequeno transmissor nas costas para ajudar a queipe de conservação a monitorar seus movimentos. Toda noite, por 25 noites tudo que eu recebia em meu transmissor eram os sinais dos machos super ansiosos. Na noite 26, com somente 4 outras noites restantes na ilha, minhas chances de filmar o Kakapo acasalando estavam diminuindo quando logo após a meia-noite minha sorte mudou. Meu receptor eletrônico captou o sinal de um transmissor nas costas de uma fêmea.

Eu sabia, pelo sinal forte nos meus fones de ouvido que ela estava por perto. Eu apertei o botão de gravação na câmera, e sentei perfeitamente ainda observando Ox ressoando em sua tigela e escutando o bip, bip, bip, do transmissor da fêmea. Quatro minutos se passaram. Ox continuou a ressoar, mas a fêmea nunca apareceu. Um minuto mais tarde o sinal começou a diminuir.

Ela estava indo embora e meu coração se partiu. Por uma hora eu sentei ali, me afundando em frustração, quando ela retornou apenas para repetir a mesma retirada decepcionante. Ela visitou outras 5 ou 6 vezes, mas pelas 5:30 da manhã, após outra passagem por perto, minha adrenalina estava acabando e eu decidi que ela não estava vindo.

Com o último sinal da fêmea sumindo eu desliguei o transmissor e sentei lá, em silêncio observando os últimos ressoares de Ox antes do amanhecer. Subitamente ele sumiu, uma largada que Usain Bolt ficaria orgulhoso. Eu rapidamente liguei o receptor de novo e para meu espanto ouvi o sinal da

fêmea mais forte do que nunca. Eu balancei a câmera em volta o mais longe possível, mas não conseguia vê-los. Então eu ouvi – um som inequívoco de asas batendo e de respiração ofegante.

Eles estavam exatamente do lado de fora do esconderijo! Eu enfiei a câmera através da janela lateral e eu os vi. Felizmente havia o suficiente de luz para filmar. Infelizmente, eu estava quase sem filme! Felizmente eles continuaram por 40 minutos o que foi mais que suficiente para trocar filmes e conseguir meu cálice sagrado. “A História Não Natural do Kakapo” foi completada em Setembro de 2009 e até agora ganhou 7 prêmios nacionais e internacionais.

Acesse www.parrots.org/kakapo para comprar o DVD (US \$25.00).

Scott Mouat é Produtor, Diretor e Diretor de Fotografia de sua companhia, Elwin Productions, se especializando em filmes de história natural. Ele também produziu 2 filmes independentes; Paraíso Primitivo e A História Não Natural do Kakapo. www.elwin.co.nz

Fotos:

Peculiar. O Kakapo: o maior psitacídeo, mais pesado, de vida mais longa, único noturno, que não via, que faz exibições reprodutivas. Encontrado somente em duas ilhas remotas e livres de predadores na Nova Zelândia, todas as 122 aves conhecidas são monitoradas com rádio colares.

O cineasta Scott Mouat se organizou para uma noite filmando o Kakapo “Bill” que assiduamente mantinha a área de exibição (solo descampado à direita).

Uma rara oportunidade. O acesso à Ilha Codfish e à única população reprodutiva da espécie é estritamente limitado pelo Programa de Recuperação do Kakapo.

Barra lateral:

Status: Criticamente ameaçado. Somente 122 indivíduos vivos são conhecidos (Fev. 2010).

Tamanho/Peso: Machos medem até 60 cm e pesam de 2-4 Kg.

Média de vida: A expectativa de vida é de 95 anos. Um máximo de 120 anos foi registrado.

Reprodução> o Kakapo é a única espécie de psitacídeo que não voa no mundo e o único a ter um sistema de exibição reprodutiva poligâmica. Uma exibição é uma competição reprodutiva. Durante a época de corte, o macho andam até 7Km até os topos e cristas das colinas onde competem para estabelecer suas próprias áreas de acasalamento.

Cada área consiste de uma ou mais “tigelas” em forma circular cavadas no solo para aumentar a difusão das expansivas vocalizações reprodutivas do macho. Cada área de exibição dos machos estão conectadas por uma rede de trilhas. Muitas trilhas e áreas de exibição formam uma arena.

Os machos fazem vocalizações em média por 8 horas cada noite e por 3-4 meses. As fêmeas são atraídas pelos chamados expansivos e também devem andar muitos quilômetros até a arena. Após se acasalarem, eles retornam a seu território e os machos continuam a vocalizar, esperando atrair outra fêmea.

Fonte: Wikipedia, parrots.org e kakaporecovery.org.nz

A História Não Natural do Kakapo **Filmado e narrado por Scott Mouat**

Este quieto e espantoso filme descreve a vida, e quase morte do mais ameaçado psitacédeo selvagem do mundo, o Kakapo. Essa ave gentil, despreparada para a invasão do homem e de seus diversos animais, era presumida extinta no começo dos anos 70. A estória, graciosamente filmada e narrada por Scott Mouat, leva o espectador através da pouco usual história do Kakapo, um psitacédeo tão fora do comum que cava áreas de solo para ajudar no seu ritual reprodutivo.

Essa é a base do filme – a estória dos Kakapo machos solitários, a falta de fêmeas com quem se acasalar, as dificuldades com a infertilidade e endogamia, e a ausência, por muitos anos, destes psitacédeos em outros lugares. Não fosse pelos heróicos esforços de Merton, Ron Nilsson, Ron Moorhouse e do Programa de Recuperação do Kakapo, diversos patrocinadores da Nova Zelândia e do Dr. Juan Blanco, um especialista em inseminação de aves com um dom especial, o Kakapo teria se unido ao Moa e outras aves insulares que não voam como memórias distantes...uma idéia de partir o coração de todos nós.

Este é um filme para se assistir diversas vezes.

Crítica do filme por Desi Milpacher

Os ossos dos psitacédeos falam **Antiga Criação de Araras nos desertos de Chihuahua**

Escrito por Andrew D. Somerville

Imagine que você é um comerciante e você passou as últimas duas semanas viajando a pé desde a costa do Pacífico até o interior do deserto de Chihuahua no Nordeste do México. A data é 700 anos antes dos dias atuais, você nunca viu um cavalo ou um burro, e sua bagagem está lotada com mercadorias para comercializar em comunidades distantes. Ao longe você começa a discernir a silhueta de uma grande pueblo de adobe – da altura de 4 andares à luz do sol que se põe. Todo tráfego parece se concentrar nesse movimentado centro de atividades. Fumaça de incontáveis lareiras sobem até o céu e você percebe o aroma de milho torrado.

Conforme você chega à borda da cidade ouve um estranho barulho emitido do pueblo, algo que nunca ouviu antes - o grasnado de centenas de psitacédeos conforme eles se acomodam para passar a noite. Quando você entra na última parte da jornada você os vê: brilhantes araras vermelhas e verdes empoleiradas nos tetos dos pueblos, nidificando em gaiolas de adobe, e batendo suas asas na luz que se esvanece. O pueblo é a antiga cidade de Paquimé, e, sem saber, você acabou de chegar no último e maior pueblo da região cultural Sudoeste, e o centro de um quase programa industrial de criação e comercialização de araras.

O deserto de Chihuahua no Noroeste do México parece um local improvável para criação em larga escala de aves tropicais. Realmente, durante a estação seca, as colinas onduladas – cobertas por grama desértica e cactos de yucca – lembram uma paisagem lunar desolada ao invés de um cenário para psitacédeos coloridos. Ainda assim, centenas de anos antes que Colombo pusesse os pés nas

Américas, o povo que habitava essa região árida manteve com sucesso uma vasta colônia tanto de Araras-piranda (*Ara macao*) e de Araras-militares (*Ara militaris*).

Os sons estrangeiros e a visão das suas penas verdes e vermelhas iridescentes em contraste com os tons beges naturais do deserto devem ter sido uma cena surpreendente e estranha para os visitantes dessa região.

Durante os anos 60 os arqueólogos escavaram um terço desse povoado pré-hispânico, localizado logo ao sul da fronteira do Novo México/Chihuahua, e para sua surpresa, encontraram os restos de mais de 500 esqueletos de araras enterrados pelo sítio. Algumas dessas eram Araras-militares, que são conhecidas por terem uma área de ocorrência que se estende próximo a Paquimé, mas ao menos 322 esqueletos eram de Araras-piranga, que são encontradas naturalmente somente em florestas tropicais em terras baixas. O habitat mais próximo deste tipo está no sul de Tamaulipas, México – mais de 500Km ao sul do de centro Paquimé localizado no poeirento deserto.

Não é um grande exagero dizer que os antigo Paquimenhos eram obcecados por Araras-piranga. Os oleiros locais criaram vasos de cerâmica com formas de araras, eles pintaram cabeças de araras estilizadas em outros potes, e suas penas eram usadas como cocares e em outros adornos. As coloridas penas das Araras-piranga teriam sido importante itens para rituais associados com o sol, fertilidade, e para trazer a estação chuvosa, assim como por propósitos econômicos e políticos. Na verdade as penas de araras de hoje ainda são importantes para os grupos pueblo modernos do Arizona e Novo México (leia PsittaScene 21.4, Nov. 2009).

Por décadas os pesquisadores imaginaram se a presença destes psitacídeos em Paquimé indicava que os antigos Paquimenhos estavam envolvidos em comércios constantes de longa distância com os grupos Mesoamericanos do sul, tais como os Toltecas, para adquirir essas aves altamente cobiçadas, ou se eles haviam realmente desenvolvido métodos para manter e procriar populações de Araras-piranga na sua nova casa no deserto. Um estudo recente feito por mim e dois antropologistas da Universidade do Estado do Arizona, Bem Nelson e Kelly Knudson, lançou uma nova luz nessa questão. Mas antes que eu discuta nossos achados, é válido dizer algumas palavras mais sobre o antigo povoado de Paquimé.

Paquimé tem confundido os arqueólogos por gerações. O povoado, que atingiu seu ápice entre os anos 1250-1450 AD, consiste de um enorme pueblo de adobe, fazendo com que pareça fortemente as fomasas culturas pueblo do Sudoeste da América do norte, tais como os Hopi e os Zuni. No entanto, diversas características do local o fazem único. Em primeiro lugar, o local é gigantesco. Com mais de 1000 salas e alcançando 4 andares em altura, Paquimé foi um dos maiores pueblos de toda a área cultural Sudoeste. Mas sua exclusividade não para aí. As escavações em Paquimé desenterraram diversos artefatos adicionais e arquitetura que parecia indicar sua conexão com as complexas sociedades urbanas ao sul da Mesoamérica (ex. os Toltecas).

Por exemplo, Paquimé tinha ao menos duas quadras de esporte construídas no estilo Mesoamericano, que eram usadas para jogar um antigo jogo (provavelmente algo como uma msitura entre futebol americano e basquete); tinha montes em forma de pirâmides modestas circunjacente ao pueblo, e muitos artefatos no estilo Mesoamericano foram encontrados no sítio, incluindo sinos de cobre, conchas marinhas, e claro, Araras-piranga.

Em adição a isso, diversos deuses Mesoamericanos, tais como a serpente emplumada Quetzalcoatl, foram encontradas pintadas em coloridos potes de cerâmica. Seria Paquimé um posto avançado de um distante império Mesoamericano? Talvez intencionalmente fundado como um posto de comércio na região? Ou seria um pueblo do Sudoeste que se apropriou dos estilos e objetos (como araras) Mesoamericanos em seu repertório cultural?

Para investigar essas questões nós buscamos determinar se as Araras-piranga eram realmente nascidas e criadas em Paquimé ou se eram constantemente importadas dos centros Mesoamericanos ao sul. Se as aves eram de fato criadas nos desertos de Chihuahua, você pode supor que Paquimé era um pueblo do Sudoeste com um estilo Mesoamericano. Se elas não fossem criadas, mas sim importadas, indicaria que o sítio teria fortes laços com os distantes centros políticos Mesoamericanos.

Todo mundo sabe que “você é o que come”. Mas você pode não perceber que o mesmo se aplica aos animais. Os ossos dos mamíferos e aves são construídos de elementos, tais como carbono e oxigênio, adquiridos de seu alimento e da água de bebida. Ao analisar a química de seus ossos nós podemos determinar certos detalhes sobre a dieta e ambiente dos animais durante suas vidas.

Como se sabe, o milho (*Zea mays*) é uma planta quimicamente única na área e aves ou humanos que o ingeriram exibem a característica assinatura do isótopo de carbono em seus ossos. Já que as Araras-piranga não tem muito acesso ao milho em suas florestas nativas, fora os ataques a plantações, a presença do sinal químico do milho em seus ossos iria indicar que elas eram criadas em cativeiro. Psitacídeos adoram milho e era justamente a especialidade agrícola de Paquimé.

O oxigênio, assim como o carbono, é outro elemento que pode nos dizer informações valiosas sobre as antigas vidas das araras. O oxigênio do tecido ósseo vêm primariamente da água que você bebe, e diferentes regiões, devido a diferenças na quantidade de chuvas, altitude, temperatura, ou umidade local, tem naturalmente diferentes quantidades de isótopos de oxigênio em suas fontes de água locais. A quantidade única do isótopo de oxigênio encontrada nos ossos, portanto, serve como uma impressão digital grosseira da região onde o animal viveu. Num nível básico sabemos que a água das florestas tropicais naturais das araras difere significativamente da água da região de Paquimé.

Com esse conhecimento das esperadas assinaturas químicas em mãos, nós analisamos 30 ossos longos das Araras-piranga de Paquimé, que graciosamente nos foram emprestados pelo Museo de las Culturas del Norte em Casas Grandes, Chihuahua com permissão do Instituto Nacional de Historia e Antropologia. Para nossa surpresa grande parte das araras tinha uma dieta que incluía uma grande porção de milho. Talvez “grande parte” seja uma atenuação. A porcentagem média de milho em sua dieta era de 94%!

Essas aves eram alimentadas com praticamente só milho. Certos padrões nos dados sugerem que as araras mais jovens devem ter tido uma dieta mais variada (ainda assim com milho como a maior parte), mas logo que passavam a delicada fase de sair do ninho, comiam nada além de milho. Portanto, as aves parecem ter sido de cativeiro do ovo até o túmulo. Essas não eram araras capturadas na natureza comercializadas desde as florestas das terras baixas; elas haviam passado suas vidas inteiras vivendo com humanos e sendo alimentadas por humanos. Mas isso havia sido em Paquimé?

A informação do oxigênio revela que Paquimé era realmente a única casa que essas aves conheciam. Os valores de oxigênio entre os diferentes ossos de araras parecem imitar os padrões de chuva locais do norte de Chihuahua. Esse achado sugere que as aves não eram importadas, mas eram criadas em cativeiro no deserto.

Portanto, os valores dos isótopos de carbono e de oxigênio tanto proporcionam um forte apoio à idéia de que Paquimé era realmente desenvolvida, ou adquiriu conhecimento com os especialistas do sul, as habilidades para manter e reproduzir grandes populações de Araras-piranga, presumivelmente para colher suas penas para significados políticos e rituais. A evidência arqueológica demonstra que não somente eles mantiveram essa colônia com sucesso, mas o fizeram por no mínimo 200 anos!

Certamente algum tipo de contato deve haver existido entre o Sudoeste da América, incluindo Paquimé, e as comunidades do sul da Mesoamérica. De fato, nós descobrimos recentemente que os antigos habitantes de Chaco Canyon no Novo México tinham acesso a bebidas de cacau – um produto cultivado somente na Mesoamérica. E não nos esqueçamos que as araras foram adquiridas por comércio em primeiro lugar. Nossos dados sugerem que Paquimé tinha um grau de independência e que não dependia constantemente das políticas Mesoamericanas para manter sua economia.

Ao possuir os meios para produzir e então comercializar ou presentear psitacídeos e penas de alto valor, os Paquimenses teriam visto seu status crescer na região. Já que eles controlavam a distribuição de outros itens de grande status tais como braceletes de conchas e sinos de cobre, Paquimé cresceu rapidamente para se tornar uma dos mais complexos e impressionantes pueblos no antigo Novo Mundo.

Andrew Somerville é estudante de Doutorado em Antropologia Biológica na Universidade da Califórnia – San Diego.

Fotos:

As Araras-piranga eram especialmente cobiçadas entre as culturas dos povos Pueblo que mantinham uma indústria próspera de manutenção de araras e de comércio no norte do México datando de 700 anos atrás.

Vista da arquitetura de adobe de Paquimé. Os Pueblo alcançavam uma altura de um prédio de 4 andares durante o pico de sua civilização.

Recintos de araras para nidificação feitos de adobe com entradas circulares de pedra foram encontradas no sítio arqueológico de Paquimé.

Evidências de áreas de reprodução para araras, artesanato, penas e resultados químicos dos ossos criam uma fascinante imagem da criação de araras séculos atrás.

Os motivos de araras estilizadas nesse jarro Policromático Ramos de Paquimé indicam a importância das araras na cultura Pueblo.

Citação:

“Paquimé realmente se desenvolveu...as habilidades para manter e reproduzir uma grande população de Araras-piranga, provavelmente para coleta de suas penas para significados políticos e ritualísticos”.

PsittaNews

Parrot events

Conferencia Anual da IAATE 16-19 de Fevereiro, 2011.

Pittsburgh, Pennsylvania, EUA

Desde a sua inauguração, a IAATE facilitou a troca de informações através de uma conferência anual de 4 dias de duração. A conferência cresceu até ser uma das mais importantes reuniões disponíveis aos adestradores de animais com um interesse especial em espécies aviárias.

Através de suas sessões de apresentações bem estruturadas, workshops informais, e eventos sociais a conferência proporciona uma oportunidade ideal de troca de informações.

A conferência de 2011 vai ser organizada pelo Aviário Nacional em Pittsburgh. Os palestrantes incluem o Diretor de Conservação e Pesquisa a Campo do Aviário, Dr. Todd Katzner, que irá falar sobre sua pesquisa para conservação e o Veterinário especialista em aves, Dr. Jeleen Briscoe, que irá falar sobre o Ato para Bem-estar Animal.

: www.iaate.org

: cfo@iaate.org

' +1 407-808-9254

Parrotnews

Amazona estraga prisões

A polícia colombiana de Barranquilla na quarta-feira prendeu um papagaio cujo trabalho era dar alarme a uma gangue de drogas local no caso de batidas policiais.

O papagaio foi preso quando a polícia viu a prisão dos traficantes de drogas do local ir por água abaixo porque a ave inesperadamente começou a gritar “corram! corram!”, estragando o elemento surpresa da polícia.

“É uma coisa tão curiosa que achamos muito engraçado. Aparentemente a ave foi treinada para alertar seus donos sobre a presença policial” conta um policial ao jornal local El Heraldo.

A ave vigia foi presa porque sua gaiola impedia o acesso aos policiais. Seguindo-se sua detenção, os policiais de Barranquilla decidiram dar o nome ao papagaio de “Lorenzo”.

Lorenzo não se pronunciou desde sua prisão.

Fonte: www.colombiareports.com

Parrottrips

Brasil 2011: Safári de Vida Selvagem no Pantanal

28 de Maio –6 de Junho, 2011

Extensão opcional de extensão das Araras-azuis até 12 de Junho

Dê a si mesmo o melhor presente de final de ano que já teve! Junte-se ao WPT e a Tropical Nature nessa aventura de uma vida até uma das localidades com maior diversidade e riqueza de vida selvagem na terra. Nós iremos visitar três dos melhores lugares no mundo para observar Araras-canindés, Maracanãs-do-buriti e Araras-azuis.

Nós também iremos visitar um ecossistema único chamado “Buraco das Araras” para observar e fotografar Araras-vermelhas e muitas outras espécies. Nós iremos passar dois dias inteiros no pantanal Wildlife Center, um destino famoso mundialmente para amantes de vida selvagem. Além da magnífica observação de aves, jacarés, primatas e antas, o centro é lar do único grupo manso de ariranhas do mundo – garantido! Não perca essa viagem inesquecível!

: www.parrots.org/parrottrip

: liz@tropicalnaturetravel.com

’ Elizabeth Sanders +1 877-888-1770

Equipe do WPT

O World Parrot Trust tem orgulho de dar as boas-vindas a diversos novos representantes ao redor do mundo. Possuindo representante em muitos países permite que os sócios do WPT possam trabalhar na sua própria língua e moeda. Nossos representantes nos ajudam a interpretar as políticas e acontecimentos localmente pois estes se relacionam à conservação de psitacídeos; e eles agem como o rosto e a voz do WPT em seus próprios países.

Steve Boyes pode já ser familiar pelo seu trabalho com o Papagaio do Cabo assim como suas contribuições para nossos blogs online. Ele tem trabalhado conosco em problemas relacionados ao comércio na África por diversos anos e agora age como nosso representante ali.

Jim McKendry também é um blogueiro do parrots.org que vêm trabalhando com psitacídeos em zoológicos da Austrália, organiza workshops sobre comportamento e escreve sobre problemas sobre psitacídeos quando não está atarefado dando aulas em escolas. Jim se junta a Nic Bishop representando o WPT na Austrália.

Nic trabalhou muitos anos como um adestrador de psitacídeos em diversos zoológicos ao redor do mundo, ele organiza workshops de treinamento e tem se envolvido no bem-estar e conservação de psitacídeos por muitos anos.

Avin Deen é um consultor de administração em Bangalore e é membro do WPT desde 2001. Ele está muito interessado em ajudar a promover o WPT na Índia.

Você está procurando um presente para sua ave ou para seus amigos amantes de psitacídeos?

Não procure mais – acesse www.parrots.org

Obrigado

Show de conservação de aves

Nossos mais sinceros agradecimentos para Steve Martin e sua extraordinária equipe do Natural Encounters, que no Zoológico de San Diego, recolheu recursos para o WPT nesse ano em seu show de aves. O show destacou, entre muitas aves incríveis, um corvo empreendedor que ajudou as pessoas a doarem seu dinheiro enquanto aprendiam sobre o trabalho do World Parrot Trust. Todas as doações vão para o Fundo para Conservação do natural Encounters (NECF) que é apoiado inteiramente pela Natural Encounters e não tem empregados remunerados.

Portanto, 100% dos fundos recolhidos pela NECF vão diretamente para projetos de conservação. A equipe do show do Mundo das Aves de Steve e a NECF levantaram e doaram mais de 600.000\$ para projetos de conservação nos últimos 20 anos. No show de San Diego neste ano, aquele corvo engajado gerou 54.858\$ em doações para o WPT.

Papagaios-do-Congo

A NECF também se uniu ao Zoológico de Columbus ao Fundo Emergencial para Vida Selvagem da Disney realizando contribuições significativas para proporcionar auxílio de emergência para os Papagaios-do-Congo de Lwiro. Os resultados de suas doações são evidentes e muito apreciadas pelas aves e seus tratadores. Leia nas páginas 8-9.

Arara-de-garganta-azul

O Fundo para Conservação de Espécies de Mohamed bin Zayed é uma organização filantrópica estabelecida para prover auxílios direcionados para iniciativas de conservação para espécies individuais. Nós estamos honrados em estarmos entre seus líderes reconhecidos em conservação de espécies pelo nosso trabalho com a Arara-de-garganta-azul (*Ara glaucogularis*). Um carinhoso agradecimento para a Fundação Mohamed bin Zayed pelo seu generoso apoio para esse importante trabalho.

Nós também apreciamos sinceramente pelo contínuo apoio do Zoológico de Point Defiance para as Araras-de-garganta-azul. O comitê de conservação do zoológico tem permanecido diligentemente com esse projeto através do seu precioso apoio contínuo.

O Fundo para Conservação da Natureza Rufford tem sido parte da Fundação Rufford Maurice Laing por oito anos. Durante esse tempo mais de 900 projetos foram apoiados em mais de 95 países. O Fundo agora é um orgulhoso patrocinador do trabalho de Igor Berkunsky do WPT e da equipe da Arara-de-garganta-azul na Bolívia.